

A PRESENÇA INDÍGENA NA FICÇÃO BRASILEIRA

Fernando CARVALHO*

O indígena aparece na literatura brasileira desde as primeiras manifestações literárias; desde a carta de Pero Vaz Caminha aos cronistas dos séculos XVII e XVIII. Nessas obras, contudo, o índio aparece apenas como registro, equivalente às referências encontradas nas obras dos viajantes.

Como personagem, aparecerá no século XVIII, na poesia épica (*O Uruguai* de Basílio da Gama e *Caramuru* de Santa Rita Durão). Em *O Uruguai* já existe uma contraposição do índio ao europeu:

Gentes da Europa, nunca nos trouxera
o vento a nós; ah! não embalde
estendeu entre nós a Natureza
todo esse espaço imenso de águas!

Como o poema trata da luta das missões, naturalmente aparecem personagens indígenas. Mas o autor não irá retratar a cultura indígena como poderiam fazer supor os versos da primeira parte da obra. Há somente um personagem, Sepé, que passou à tradição gaúcha, dando nome a uma localidade do Rio Grande do Sul. Esse, como os outros heróis, Kakambo e Lindóia, são tratados com o mesmo lirismo e exaltação que receberiam os índios na literatura romântica. Mas é bom lembrar sempre que a intenção principal do poema é o ataque aos jesuítas, motivo pelo qual o índio irá assumir um papel secundário, apesar de toda a beleza com que o autor procura impregnar o célebre episódio da morte de Lindóia.

Santa Rita Durão, como se vê pelo próprio título – *Caramuru* – já procurará mostrar a identificação entre o índio e o colonizador. Mostra,

* Docente Aposentado da Faculdade de Ciências e Letras- UNESP- Araraquara.

inclusive, o índio, num ligeiro episódio em que se refere à religião, como admitindo uma entidade divina superior a Tupã, na qual chega a definir o deus cristão. Afora isso, se limita a dar um panorama geral do Brasil e a narrar a história do Brasil, da época do descobrimento até a data da elaboração da obra.

No romantismo, o indianismo chegou a ser colocado como plataforma no manifesto da *Revista Niteroy*, na qual se afirmava a presença do índio na literatura como a principal maneira de exaltar e definir a nação. O índio aparece assim desde o início do romantismo, nos poemas de Teixeira e Souza (*A filha do pajé*) e de Domingos José Gonçalves de Magalhães (*A confederação dos Tamoios*). Os dois tiveram pouca repercussão, sendo *A confederação dos Tamoios* criticada por José de Alencar. É com Gonçalves Dias e José de Alencar que a corrente indianista irá assumir maior importância e exercer maior influência. Contudo, é bom lembrar que a presença indígena não irá corresponder ao que se pretendia ser uma corrente literária com maior importância histórica e política e uma verdadeira trajetória para a vida cultural do país. A obra de Gonçalves Dias, apesar do seu valor poético, apresenta poucos poemas tendo como motivo o índio, sua cultura e sua tragédia em relação ao drama da colonização. *Y-Juca-Pirama*, além da exaltação, mostra um aspecto importante da vida indígena, como a concepção de coragem e do sentido da antropofagia religiosa. Exaltação da coragem indígena encontramos também na *Canção do Tamoio*. Os poemas *Canto do Piaga* e *O gigante de pedra* referem-se ao drama da invasão do branco. Temos ainda *Marabá* e *Leito de folhas verdes* a falar de índios. Acreditamos que em um representante maior de uma corrente que se propunha a introduzir o índio como principal motivo da nossa literatura, a quantidade de obras deveria ser bem maior. Gonçalves Dias deixou inacabado o poema épico *Os Timbiras*. Seria esta realmente a realização do grande projeto proposto pelo indianismo. Contudo, o poeta se limita, na maioria das vezes, a narrar episódios de luta entre as tribos indígenas, de acordo com o que seria narrado pelo colonizador e pelos jesuítas. Há mesmo um trecho do poema em que o narrador afirma que as

tribos indígenas do Brasil terminariam pela extinção mútua.

José de Alencar deixou três romances indianistas, dos quais um apenas é dedicado à vida indígena: *Ubirajara*. Nesse são registrados costumes e rituais indígenas, mas de acordo com a bibliografia que o romancista coloca nas primeiras edições, extraídos de livros de viajantes. Quanto ao *Guarany* e *Iracema*, são obras em que o romancista procura a ligação entre o índio e o branco, sendo que, no primeiro, o branco é exaltado tanto quanto o índio, além de ser dedicado um episódio do romance a um ataque de uma tribo indígena à fazenda do pai de Cecília, na qual Pery desempenha importante papel na luta em defesa dos amigos brancos.

No realismo, a literatura mais voltada para uma visão crítica do país não dá nenhuma seqüência ao indianismo e chega a transformar o sertanismo em um regionalismo de cunho pessimista. José Veríssimo e Inglês de Sousa escreveram de parceria o livro *Contos amazônicos*, no qual aparecem alguns traços de populações mestiças da Amazônia; mas além de não ser grande a sua preocupação com registros precisos da cultura indígena, o livro teve repercussão quase nula, apesar dos méritos propriamente literários. Nessa fase começam a se desenvolver os estudos etnográficos e folclóricos¹ que poderiam, como ocorre em quase todas as culturas, contaminar as obras literárias, principalmente as poéticas. Mas entre nós, além da já citada atitude crítica do regionalismo, a preocupação com o cientificismo por parte dos naturalistas e a preocupação dos poetas com uma “poesia civilizada”, que devia apresentar eficiente aprendizado do modelo dos parnasianos franceses, acabaram por impedir a contaminação.

¹ Há coletas de lendário amazônico, por exemplo, por Barbosa Rodrigues (*Poranduba amazonense*), Amorim (*Lendas em nheengatu e português*) e mesmo uma edição em francês, de Sant’Ana Nery (*Folklore brésilien*). Como se pode verificar pelo título da obra de Amorim, os relatos eram recolhidos junto a uma população mestiça com forte predominância indígena e, às vezes, mesmo na própria língua geral ou nheengatu (que é o tupi catequético). Somente com Nunes Pereira (*Moronguetá - um Decameron Indígena*) é que vamos encontrar mitos recolhidos nas próprias aldeias indígenas.

No modernismo, logo no início, com a poesia Pau Brasil e o Antropofagismo de Oswald de Andrade, podemos dizer que surgiram alguns sintomas do indianismo, não tanto pelos dois manifestos de Oswald, quanto por algumas obras de pintura. Mas, depois de pouco tempo, o antropofagismo tomou da poesia oswaldiana somente o poema piada e, com esse modelo, tratou apenas motivos folclóricos, como Raul Bopp em *Cobra Norato*, ou procurou dar cunho anedótico a episódios da história do Brasil, como Murilo Mendes, na maioria dos poemas de *O Jogador de Diabolô*. Mário de Andrade, sem qualquer declarada intenção de antropofagismo ou de qualquer corrente, procurou reintroduzir o motivo indígena; em primeiro lugar, fazendo herói do seu livro a personagem mítica encontrada por ele no livro de Koch-Grünberg; além disso, vários episódios de *Macunaíma* são de matéria do lendário dos índios. Contudo, podemos dizer que não se trata de obra essencialmente indianista, porque o livro contém elementos folclóricos de várias regiões do Brasil, além de episódios de sátira à nossa vida política ou aos nossos costumes.

Depois de um longo intervalo é que o motivo indígena reaparecerá, já depois da década de sessenta, principalmente com dois autores maiores, João Guimarães Rosa (*Meu tio, o Yauaretê*) e Darcy Ribeiro (*Maira*); cremos que nos poderemos limitar a esse, uma vez que *Utopia Selvagem* é mais uma adaptação do processo de construção de *Macunaíma* a uma espécie de paródia da lenda das Amazonas. Podemos dizer que o romance de Darcy Ribeiro é o maior exemplo de indianismo na nossa literatura. Darcy Ribeiro reúne aí os seus conhecimentos de antropologia e consegue dar a eles um tratamento ficcional que os transforma em algo que vai muito além do registro. Esse tratamento não só nos põe em contato com a cultura indígena, mas nos revela o drama de uma parcela da humanidade, com a qual nos faz sentir ligados, através da presença de algumas personagens. O narrador acaba incluindo episódios da sua própria vida, para fazer com que o leitor conclua que está tomando conhecimento de uma cultura que representa uma parcela da nossa humanidade e não algo para ser visto como simples motivo exótico ou pitoresco, como chega a ocorrer

não raro com as obras indianistas do passado que, se não fazem isso, procuram mostrar o índio vivendo como nós. Márcio Souza, natural da região amazônica, pode ser considerado outro grande exemplo do que poderíamos chamar indianismo da nova era literária. Também as suas obras constituem motivo de registro; apenas o registro não tem o conteúdo lírico ou dramático encontrados no romance de Darcy Ribeiro. As suas obras visam mais ao protesto e à sátira política. Para isso é que o tratamento ficcional dá vida ao material informativo e por isso aproxima-nos das várias culturas da área amazônica e procura fazer-nos sentir como irmanados a elas.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ALENCAR, J. de. *Ubirajara*. In: — . *Obra completa*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1958-60.
- BOPP, R. *Cobra Norato*. In: — . *Antologia poética*. Rio de Janeiro: Editora Leitura, s.d.
- DIAS, A.G. *Poesia*. (Veja-se também, de Manuel BANDEIRA, *Poesia e vida de Gonçalves Dias*. São Paulo, Ed. das Américas, 1962.).
- DURÃO, S.R. *Caramuru*. Lisboa: 1781.
- GAMA, B. da. *O Urugay*. S.L.: Academia Brasileira de Letras, 1941.
- MENDES, M. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- VERÍSSIMO, J., INGLES DE SOUZA. *Contos Amazônicos*. Belém: s.n., 1892.